

APRESENTAÇÃO

Antonio Infranca¹

O momento histórico em que foi feita esta entrevista (“Ismeretlen interjú Lukács Györggyel 1968 -ból”, entrevista desconhecida feita com György Lukács) é bastante indicativo: pouco mais de um mês antes da invasão soviética da Tchecoslováquia. Há um ano Lukács havia retornado ao Partido Operário Socialista Húngaro, após dez anos da expulsão, em função de sua participação na Revolução Húngara de 1956.² Assim, György Aczél, então secretário do Comitê Central do partido, encomendou a Ferenc Fehér, um membro da Escola de Budapeste, uma entrevista com Lukács. A entrevista não deveria ser publicada, mas usada como texto de discussão pelos membros do Comitê Central.

Talvez, exatamente por este motivo, as críticas de Lukács sejam mais radicais; o tom é desencantado, próprio de quem não espera grandes resultados de suas palavras, mas não pretende deixar de dizer a verdade. Antes do texto *Democratização hoje e amanhã* – o ensaio escrito por Lukács após a invasão da Checoslováquia, a qual se opôs – Lukács já havia expressado claramente as suas críticas ao POSH. Contudo, a entrevista permaneceu desconhecida até o ano de 1989, quando foi publicada na revista *Társadalmi Szemle* (números 6-7, maio e junho de 1989, XLIV, Budapeste, pp. 59-75 e 62-74) em sua língua original.

A entrevista não atraiu qualquer interesse, provavelmente em razão da queda do regime socialista húngaro e da língua de sua publicação ser pouco conhecida. Em 2019 a traduzi para o italiano, e agora aparece também em português, fazendo com que se torne conhecida de um público um pouco mais amplo. Este é o primeiro escrito de Lukács endereçado diretamente ao Comitê Central do Partido. O segundo seria aquele considerado seu Testamento Político, redigido poucos meses antes de sua morte em 1971.

O mote da entrevista foi o artigo “Capitalismo e reformas estruturais”, um dos últimos escritos de Togliatti, publicado em húngaro naquele momento, como recordação dos quatro anos de desaparecimento do líder italiano. Lukács reafirma o seu julgamento sobre Togliatti, ou seja, o reconhecimento de ter sido um grande tático. Lukács também acusa Stalin de taticismo; porém, no caso de Togliatti, o julgamento de taticismo não é uma acusação, mas o reconhecimento da habilidade do líder italiano de se movimentar num ambiente cheio de armadilhas, como aquele do comunismo internacional e da política italiana, sem fazer concessões excessivas ao dogmatismo stalinista. Esta habilidade também é consequência da história particular do partido comunista italiano, do discipulado gramsciano de Togliatti e de sua distância em relação à URSS. Aqui, Lukács identifica com precisão uma vantagem que Gramsci forneceu ao partido italiano: jamais entrar em contradição com a Terceira Internacional. Esta habilidade tática deu enorme autonomia ao partido italiano em relação às rígidas diretivas da Terceira Internacional.

Togliatti conseguiu se manter afastado da manipulação brutal de Stalin, imposta principalmente através de seu método, isto é, a tendência de pôr de lado a objetividade da realidade social e econômica, substituindo-a por decisões subjetivas de natureza essencialmente política, chegando assim ao uso da violência na realidade social e econômica. As decisões eram tomadas por Stalin sem uma visão estratégica, apenas com base nas circunstâncias táticas do momento. Algumas escolhas feitas por Stalin são consideradas positivas por Lukács, como é o caso do pacto Molotov-Ribbentrop, que eliminou as simpatias anticomunistas das potências ocidentais à Hitler, forçando-as à declaração de guerra.

¹ Tradução de Geraldo Magella Neres.

Revisão de Marcos Del Roio.

² Em 1956 houve um levante popular em Budapeste contra a direção stalinista do partido húngaro e que foi sufocada pela intervenção das forças do Pacto de Varsóvia. O partido se reorganizou com o nome de Partido Operário Socialista Húngaro e Janos Kadar assumiu a direção do governo e do Estado. Lukács teve que se exilar por algum tempo e foi excluído do Partido. Apenas em 1967 teve sua filiação de novo aceita.

Ainda em 1968, Lukács considera que o método stalinista não tenha sido superado e contrapõem Stalin a Lenin, mais precisamente à grande habilidade estratégica, e não apenas tática, de Lenin. O exemplo que Lukács destaca é o da Nova Política Econômica, na qual, ao derrubar os cânones do marxismo da Segunda Internacional, Lenin estimulou a formação de uma pequena burguesia agrária para aumentar a produção de alimentos na Rússia exaurida pela guerra civil e para iniciar um processo de acumulação capitalista que permitisse financiar a industrialização do país. Stalin interrompeu brutalmente esse processo, deportou e massacraram milhões de camponeses, os pequenos proprietários de terra que eram os mais devotados apoiadores da NEP e do regime comunista, e avançou para uma industrialização forçada da Rússia, que teve dois resultados paradoxalmente opostos: modernizou o país, com custos humanos terríveis, mas permitiu à URSS derrotar o nazismo. Lukács trata o tema do exagero stalinista - deskulakização ou industrialização forçada - com sua proverbial ironia.

É preciso considerar que esta ironia é dirigida aos membros do Comitê Central, onde ainda há elementos neostalinistas, que são habilmente colocados na berlinda, assim como zomba da maneira stalinista de escrever a história do movimento comunista húngaro. Como corolário, Lukács condena a tépida política soviética de eliminar os elementos stalinistas dentro do partido e na sociedade civil.

Lukács critica a ciência na qual estes membros do Comitê Central fundamentam suas decisões políticas, que é uma falsa ciência, ainda deformada pela abordagem stalinista, que ignora a realidade concreta e a substitui por uma realidade artificial, habilmente criada para manipular a consciência dos cidadãos e dos operários. Lukács aborda, por exemplo, o mito do empobrecimento, segundo o qual a miséria estaria desaparecendo, tanto no mundo do socialismo real, quanto no mundo capitalista. Lukács, já nos anos sessenta, havia identificado a tendência, que continua vigorando mesmo no mundo globalizado atual, de aumento do empobrecimento apenas em alguns lugares do planeta e em alguns estratos sociais.

Na realidade, a riqueza se concentra cada vez mais nos estratos superiores, enquanto nos estratos inferiores se manifesta uma nova forma de miséria. A questão da nova miséria é que não importa a quantidade de bens que alguém possa consumir, mas quanto tempo livre de trabalho alienante lhe está disponível. Por tempo livre Lukács entende o tempo não manipulado pela indústria de consumo, pois se um trabalhador produziu bens e os consumiu em seu tempo livre, acaba contribuindo duas vezes para a manutenção do capitalismo, primeiro como produtor e depois como consumidor. Estes são os temas que havia abordado em *História e consciência de classe* e que estava tratando na *Ontologia do ser social*, exatamente na mesma época da entrevista. Nesse sentido, Lukács une as críticas ao socialismo real às críticas feitas ao consumismo capitalista.

É preciso ter em mente que Lukács, na década de Sessenta, acaba por lembrar o momento intelectual dos anos vinte na introdução de 1967, à *História e Consciência de Classe*. Nesta entrevista, ele retoma alguns desses temas, reafirmando sua decisão de que voltar aos temas de quarenta anos atrás não faz nenhum sentido. Todos os pensadores daquela época devem ser reconsiderados, inclusive ele mesmo, apenas do ponto de vista metodológico, não pelas soluções que propuseram. Se estas soluções deviam ser adotadas nos anos vinte é uma coisa, mas em 1968 o mundo mudou e com isto as questões fundamentais se alteraram, exigindo que as soluções mudem também. É o mesmo convite a retornar a Lênin, que desenvolveria em sua velhice: privilegiar a situação concreta e encontrar soluções práticas concretamente realizáveis. Na prática, Lukács reitera que aqueles que reivindicam a prevalência absoluta de História e consciência de classe sobre seus ensaios subsequentes estão totalmente errados. A situação concreta mudou e esta obra-prima de sua produção filosófica só pode ser lida do ponto de vista histórico. É interessante que sustente essa tese justamente junto a Ferenc Fehér, que, como membro da Escola de Budapeste, defendia a incompatibilidade entre as obras *Ontologia do ser social* e *História e consciência de classe*.

Lukács observa que enquanto nos anos Vinte os sindicatos defendiam posições mais conservadoras do que os partidos social-democratas, nos anos Sessenta a situação se inverte: os partidos social-democratas no Ocidente, mas também os partidos socialistas nos países de socialismo real defendem a ordem existente; enquanto os sindicatos conduzem lutas operárias mais radicais. Criou-se uma cisão, segundo Lukács, entre as lutas sindicais e as lutas políticas dos partidos socialistas ou comunistas. Lukács não especifica se esta é uma divisão típica do Ocidente ou se afeta também o socialismo real. Se isto estava acontecendo sob os olhos de Lukács no Ocidente, lembre-se que cerca de dez anos após a morte de Lukács, o Solidarnosc levou para as ruas a luta dos trabalhadores contra o regime socialista polonês. No entanto, é uma divisão que se torna cada vez maior entre os trabalhadores e a representação política dos trabalhadores.

O paralelismo capitalismo/socialismo também continua nos embates da política de esquerda. Lukács acusa os partidos comunistas ocidentais de não terem sido capazes de identificar o fundamento do mal-estar

operário e de se deixarem ultrapassar pelo movimento estudantil. Lembre-se de que a entrevista é de julho de 1968 - e, um ano depois, pelo menos na Itália, mas não na França - o movimento operário encontrou no Partido Comunista Italiano um apoio prodigioso para realizar algumas das transformações sociais, econômicas e políticas mais avançadas do Ocidente, superando energicamente a influência do movimento estudantil. A falta de análise por parte dos comunistas se soma à idiotice do sistema educacional, de formação da juventude. Lukács reconhece aos estudantes a vontade de não se deixarem estupificar pelo sistema escolástico, a vontade de se tornarem protagonistas de sua própria formação intelectual. Em suma, Lukács é atraído pela vontade dos estudantes de formarem sua própria consciência civil, ou mesmo, sua própria consciência de classe; pois sua simpatia pelo movimento estudantil é sincera e compreensível à luz das reflexões contidas em História e consciência de classe, quando se detém na análise da alienação intelectual. Tema que também é retomado na entrevista, ao destacar a crescente especialização, exigida pelo capitalismo monopolista, que inviabiliza a visão global dos problemas entre os especialistas.

As questões principais são a gestão do trabalho na fábrica e do tempo livre fora da fábrica. Sobre a gestão do trabalho na fábrica, alguns anos depois, pouco antes de sua morte em junho de 1971, Lukács elaborará a teoria do "trabalho bem feito" contida na entrevista Testamento Político, defendendo então que o operário tem condições de dirigir e avaliar seu próprio trabalho com base em sua experiência profissional. Assim, seria oportuno ampliar o espaço de participação operária na gestão da fábrica, justamente em decorrência desta experiência anterior de trabalho. O convite de Lukács aos membros do Comitê Central é para revisarem a planificação econômica a fim de ampliar a participação operária. Lukács dá um exemplo para se tomar como modelo: as ordens que eram dadas no exército soviético baseavam-se na lógica "tarefa e solução", ou seja, os oficiais definiam uma tarefa e deixavam aos suboficiais a escolha de como fazer para se chegar à solução dessa tarefa. A mesma estrutura poderia ser utilizada na gestão de uma fábrica, ao definir a meta a ser alcançada e deixar a busca de como se atingir a meta para a participação operária, dirigida pelos engenheiros. As principais questões são, portanto, a gestão do trabalho na fábrica e do tempo livre fora da fábrica. O tema de uma vida digna é típico do marxismo, que é reproposto ao Comitê Central do Partido no poder. Vê-se que Lukács já apreendia os sintomas da transformação da sociedade industrial em algo diferente; começava a se delinear a sociedade de serviços e o setor terciário.

Lukács continua insistindo, ao longo da entrevista, sobre o tema da democratização, ou seja, a participação operária ou a discussão de temas que provenham da vida cotidiana dos cidadãos. Na prática, ele antecipa os temas de *Democratização hoje e amanhã*, que redigirá alguns meses depois. Ele está convencido de que os operários executam melhor as tarefas que lhes são atribuídas, se participaram da discussão dessas tarefas, se estão convencidos de que deram sua contribuição ativa para o estabelecimento dos objetivos a serem alcançados. Lukács define este tipo de democracia como "democracia direta", que é a antítese da planificação stalinista, na qual os objetivos são estabelecidos de cima, sem qualquer envolvimento ou participação da classe trabalhadora em sua definição.

O aspecto destacado da discussão dos temas da vida cotidiana, por outro lado, é a expansão da democracia da fábrica, do local de trabalho, e sua passagem para a sociedade civil, para a gestão do tempo livre. A brincadeira que faz, a sugestão de entrar no transporte coletivo e ouvir os assuntos discutidos pelo povo, é indicativa da distância que o partido, a sociedade política, se colocou entre si e os cidadãos, a sociedade civil. Um partido que não atende as exigências mais elementares e fundamentais dos cidadãos perdeu o controle e o consenso da sociedade civil.

Como ressalta Lukács, na URSS, a democracia direta dos Soviéticos transformou-se em democracia parlamentar, uma democracia muito distante das necessidades concretas dos cidadãos. Lukács convida os políticos a discutirem as questões do cotidiano, ainda que apenas a nível de Parlamento, quando após uma reunião parlamentar estão voltando para casa; ou seja, estão retornando à sua vida cotidiana, para que discutam e se deem conta das necessidades concretas dos cidadãos.

Na prática, Lukács está descrevendo um fenômeno que vivemos atualmente em nossas democracias, que estão se tornando cada vez mais formais e cada vez menos diretas. Os problemas da vida cotidiana são enfrentados superficialmente, assim como acontecia na Hungria de János Kádár, que, mesmo sendo a melhor forma de expressão do socialismo real, estava bem distante de ser uma democracia direta. Assim, podemos compreender a relevância da concepção lukacsiana da democratização da vida cotidiana, mas também a sua percepção da impossibilidade de se reformar o regime húngaro de socialismo real a partir de dentro. Pelo tom utilizado por Lukács, fica claro que ele não acredita que suas palavras serão ouvidas pelos membros do Comitê Central, mas que as questões que coloca são as mais fundamentais de uma democracia. Contudo, o socialismo

real não era de forma alguma uma democracia direta ou uma democracia participativa. Lukács é muito claro quanto ao fato de que o socialismo, em seu início, era uma democracia direta, quando, dentro dos soviets, os trabalhadores tinham ampla oportunidade de participar da gestão da coisa pública. Ele convida os membros do Comitê Central a retornarem a esta experiência, desafiando-os a ser o que já não eram mais, ou seja, comunistas.

Diante desta provocação, Lukács critica radicalmente a intenção de Kádár de fazer do marxismo não mais a única ideologia, mas a teoria hegemônica na sociedade civil húngara. Lukács não vê uma transformação radical do marxismo no que diz respeito aos estragos causados durante o stalinismo, quando ele mesmo classificou aquele período como pior que a ditadura de Horthy³, porque naquela época a expansão do marxismo na sociedade civil húngara foi mais dificultada do que estimulada. O marxismo deveria ser refundado, restaurada à sua autenticidade original - e isto não se limita apenas ao marxismo húngaro, porém, inclui também o marxismo ocidental. Este renascimento deve deixar de lado todos os exageros típicos do stalinismo, deve abordar as questões concretas da vida cotidiana, como uma maior difusão de bens aos trabalhadores e, acima de tudo, decretando o fim da hegemonia do modelo soviético.

Não se pode acreditar que tudo o que vem da URSS deve necessariamente ser excelente. A vida cotidiana na União Soviética não confirma esse mito de forma alguma. Além disso, os interesses da Hungria nem sempre podem estar subordinados aos da União Soviética. Lukács afirma explicitamente que o policentrismo do partido togliattiano deve ser tomado como exemplo. Assim, seu julgamento sobre a revolução chinesa é mais matizado do que em outras ocasiões, porque ele reconhece a Mao o mérito de ter buscado uma síntese original entre o marxismo e a tradição chinesa, mesmo que nem todas as suas conclusões sejam adequadas e corretas para a realidade chinesa.

Além de analisar a situação das sociedades do socialismo real, Lukács analisa também as sociedades capitalistas e descobre alguns fenômenos comuns a ambas, como o do desenvolvimento do setor terciário. Note-se que estamos em 1968, e este fenômeno está apenas em seus primórdios, mas não escapa ao olhar atento de Lukács. A análise de Lukács é feita com as ferramentas do marxismo, ou seja, os conceitos de mais-valia absoluta e relativa, mas ele consegue apreender a nova função que é atribuída à mais-valia relativa e à exploração do trabalho imaterial. Desta forma, apreende o aumento do empobrecimento nas sociedades capitalistas e os protestos crescentes de trabalhadores e estudantes, que não receberam nenhum apoio por parte dos partidos de esquerda. Segundo Lukács, somente os sindicatos fizeram alguns gestos de solidariedade a estas formas de protesto.

Outro tema abordado por Lukács é o da luta contra o colonialismo. Ele denuncia a incapacidade dos intelectuais marxistas de fornecer uma teoria adequada para as lutas de libertação do imperialismo travadas no final dos anos sessenta. E esta incapacidade parece-lhe estar completamente de acordo com o que o próprio Lenin havia reconhecido: não existe uma teoria universal para explicar cada uma das lutas específicas de libertação nacional. Cada nação que deseja se libertar do colonialismo deve fazê-lo à sua própria maneira. É um claro desafio ao uso de modelos oriundos da União Soviética, da China ou de qualquer outra experiência bem-sucedida de libertação, que não pode ser transferida para situações distintas daquelas originais. Além disso, Lukács condena a sujeição da política dos vários partidos comunistas nacionais à política externa da União Soviética.

Em minha opinião, o problema é quando ele diz que a violência revolucionária é compreensível para salvar a revolução. Este é o argumento utilizado inicialmente para justificar a violência stalinista na União Soviética, logo nos primórdios da instauração do comunismo, um argumento que seria constantemente repetido pelos regimes de socialismo real para justificar seu caráter autoritário. Nesse sentido, Lukács se declara a favor da total liberdade de expressão, ao mesmo tempo em que condena o espírito de fração, ou seja, as posições preconcebidas que obstaculizam a atividade política, que inviabilizam a liberdade de expressão. A liberdade de expressão é fundamental na atividade científica e intelectual.

Ao longo da entrevista, Lukács insiste continuamente no papel dos intelectuais no enfrentamento das questões centrais da vida cotidiana. Ele cita episódios pessoais, nos convida a acompanhar as lutas estudantis dentro das universidades por um saber não “idiotizado”, nos convida a deixar de lado a crescente especialização, presente mesmo nos países de socialismo real, no campo da pesquisa científica. Enfim, convida os intelectuais marxistas para renovar o marxismo com o retorno ao marxismo autêntico de Marx, Engels e Lenin. Em suma, fica patente a percepção da oportunidade perdida no aprofundamento dos estudos marxistas,

³ A ditadura do Almirante Horthy durou de 1920 a 1944. Foi aliado da Alemanha nazista na II Guerra Mundial.

especialmente nos países de socialismo real. Por outro lado, seu interlocutor, Fehér, como membro da Escola de Budapeste, aparece em seguida como um exemplo concreto do abandono dos estudos do marxismo.

Lukács faz um aceno importante para a América Latina. Pode-se destacar que ele conheça pouco a realidade latino-americana; aliás, ele mesmo reconhece essa falta de conhecimento. Portanto, quando fala em monocultura afirma uma verdade muito superficial e válida especialmente para Cuba, sem validade para realidades maiores e mais complexas como os casos de Brasil, Argentina ou México. Mas afirma, como fez quando mencionou a rejeição de modelos pré-estabelecidos fora das realidades nacionais a serem analisadas, que uma correta análise marxista da realidade latino-americana deve vir de dentro dos estudos marxistas latino-americanos. Mais uma vez ele sente a necessidade de encorajar o aprofundamento do marxismo, mas desde a perspectiva própria e original de cada realidade social, econômica e política.

Recebido em 31-08-2019

Aprovado em 12-12-2019